

CRÓNICA
Masculina
1957



PÁSCOA
1957

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Masculina

N.º 20 — 20-IV-1957

Director e Editor: RUI COSTA

Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P
(Anuário Comercial de Portugal)

Todos os sábados

RESSURREIÇÃO!

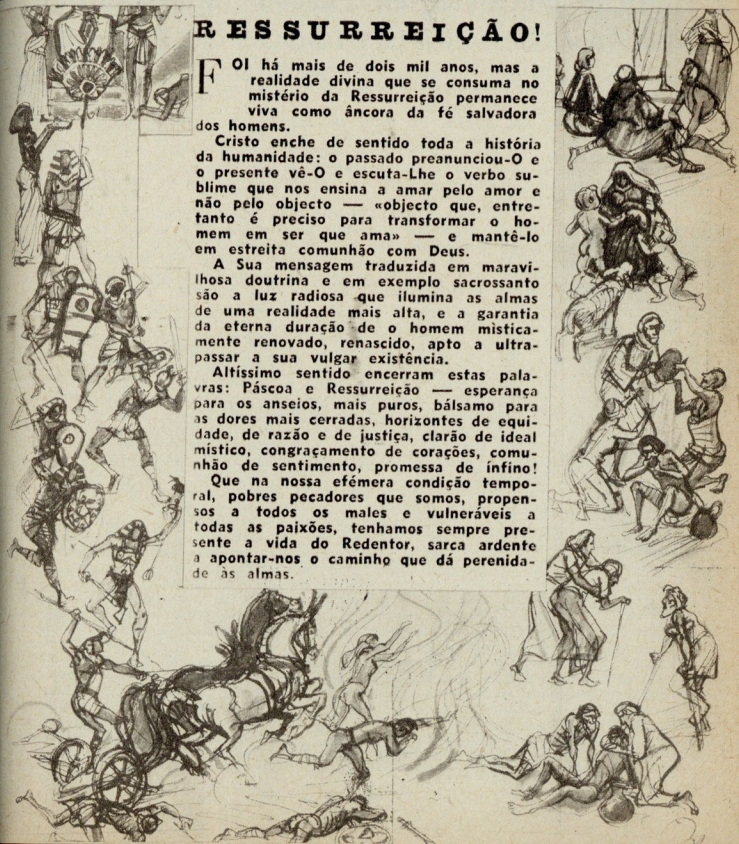
Foi há mais de dois mil anos, mas a realidade divina que se consuma no mistério da Ressurreição permanece viva como âncora da fé salvadora dos homens.

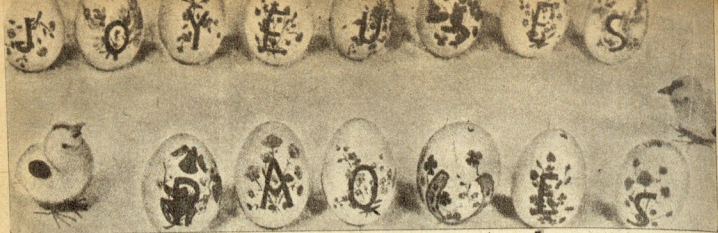
Cristo enche de sentido toda a história da humanidade: o passado preanunciou-O e o presente vê-O e escuta-Lhe o verbo sublime que nos ensina a amar pelo amor e não pelo objecto — «objecto que, entretanto é preciso para transformar o homem em ser que ama» — e mantê-lo em estreita comunhão com Deus.

A Sua mensagem traduzida em maravilhosa doutrina e em exemplo sacrossanto são a luz radiosa que ilumina as almas de uma realidade mais alta, e a garantia da eterna duração de o homem misticamente renovado, renascido, apto a ultrapassar a sua vulgar existência.

Altíssimo sentido encerram estas palavras: Páscoa e Ressurreição — esperança para os anseios, mais puros, bálsamo para as dores mais cerradas, horizontes de equidade, do razão e de justiça, clarão de ideal místico, congraçamento de corações, comunhão de sentimento, promessa de infino!

Que na nossa efémera condição temporal, pobres pecadores que somos, propensos a todos os males e vulneráveis a todas as paixões, tenhamos sempre presente a vida do Redentor, sarca ardente a apontar-nos o caminho que dá perenidade às almas.





A tradição dos ovos da Páscoa (muito antiga) PERMANECE VIVA EM TODOS OS PAÍSES

Falar da Páscoa, é falar dos «ovos». É a aproximação clássica e instintiva das gentes que foi consagrada pela tradição, comendo-ovos de Páscoa.

Mas de onde provém esta tradição?

Num artigo sobre «as origens da festa da Páscoa», o eminente sábio Augusto Hollar afirma:

«O ovo da Páscoa» é, desde remota data, visto como um símbolo de ressurreição. O ovo lembra, antes de mais nada, a ressurreição do ovo celeste, isto é, do sol da primavera. Também, para lembrar o brilho do astro, pintavam-se os ovos de Páscoa de vermelho, como ainda hoje se faz.

Na China, comem-se na festa do Equinócio da primavera, ovos coloridos. Em virtude da vida que ele contém em embrião, o ovo é também o símbolo da vida futura e da ressurreição que ele promete aos mortos. Eis porque ovos de galinha ou de avestruz foram encontrados, já petrificados, em túmulos egípcios, gregos, romanos, etruscos, etc.. Nos sarcófagos o morto tinha na mão um ovo».

Desde o ano 987 da era cristã, até ao reinado de Carlos IX da França, a festa da Páscoa dava principio ao ano. Em 1567, este rei ordenou que o ano principiasse tal como ainda hoje sucede.

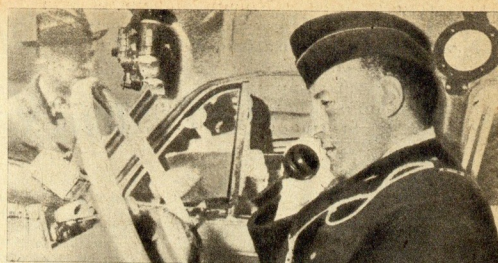
Mas a tradição dos ovos de Páscoa ficou e permanecerá indelével em todos os recantos do globo. Entre os trabalhadores asiáticos celebra-se a festa do novo ano comendo ovos, tingidos de diversas cores, onde predomina o vermelho. Esta cor também é favorita dos franceses.

Uma outra explicação é dada e parece com fundos de veracidade: nos primitivos tempos da Igreja, era proibido comer ovos na Quaresma. Na 6.ª feira Santa, como no dia de Páscoa, os cristãos levavam à Igreja, para benzer os ovos de que se tinham privado naquele período tão religioso. Era então organizada a Procissão do Ovo, embora ninguém fosse portador de qualquer ovo.

Clerigos, estudantes e toda a juventude se reunia na principal praça pública, levando tambores e campainhas. Cantavam-se hinos religiosos e salmos, e, só depois disto, lançam as varas e estandartes.

Os mais jovens iam de porta em porta pedir os ovos da Páscoa. Este costume ficou tão vivo nos povos que, quer em França quer mesmo nalgumas das nossas províncias ainda subsiste tal uso: a visita pascal, cuja reminiscência vem dos primeiros alvares da Igreja. Há uma localidade francesa em que um ovo posto na 6.ª feira Santa é cozido no Domingo de Páscoa e dividido por todos os membros da família em sinal de fraternidade.

Que 1957 perpetue a tradição e que, para alegria de todos, os ovos de chocolate ou de açúcar, cujo sucedâneo é a amêndoa de que as nossas montras estão cheias, alternem com os ovos coloridos da felicidade e boa disposição!



CONTRA OS MOTORISTAS TEMERÁRIOS

No Ministério do Interior, em Paris foi apresentado o novo material destinado à Polícia francesa, adaptado às condições actuais de circulação, cada vez mais complicadas e difíceis. Os agentes encarregados de fazer cumprir as leis do trânsito, passam a dispôr de um aparelho (foto de baixo) denominado «taquígrafo» e provido de uma fita registadora que permite registar a velocidade dos veículos seguidos pelas patrulhas da Polícia. Outro instrumento que facilitará o trabalho das autoridades é o «traficpax» (foto de cima) que consiste em duas câmaras fotográficas que, montadas no automóvel dos agentes fixam as imagens das infracções graves, principalmente as que fazem perigar a segurança de outros veículos.



MULHERES ASSINALADAS

Cada país tem a sua heroína. Para as gentes do Vietnam Sul, as irmãs Trung são o símbolo da luta pela independência. Diz a história do longínquo país, que as belas francesas, montadas em elefantes, capitanearam a resistência contra o invasor, que sujeitaram a duro combate. Em memória de tão desastrosas mulheres celebrou-se recentemente em Saigão o Dia da Mulher. Pelas ruas da cidade desfilaram numerosas raparigas montadas em soberbos cavalos.

QUASE TODOS SOMOS CRIMINOSOS

A ideia não nos pertence. Deixemos falar o consagrado autor policial Edgar Wallace, que deve saber o que diz:

«99% da Humanidade é composta de ladrões. Acaço a grande maioria não sonha com o achado de coisas valiosas, com a aquisição de tesouros em troca de meia dúzia de moedas? Há instintos criminosos na consciência de todos os homens. Talvez o leitor se sinta chocado com esta implacável generalização da maldade Humana, mas os fenómenos da vida provam que é uma verdade.

Outro instinto predominante, consiste no desejo de levar uma boa vida à custa dos outros. Nele se acham instalados os exploradores de delinquentes, os advogados pouco escrupulosos e os traficantes de várias espécies. O homem que, descansando comodamente na cama, sonha com uma vida maravilhosa conseguida graças ao achado de um rolo de notas que algum assaltante poderia perder na sua precipitada fuga, põe o pé no primeiro degrau da escada do delito. Se permite que esses sonhos progredam, chegará a um período **emotivo** de justiça poética representado pelo imaginário assaltante, associando a imaginação ao cofre de segurança que existe no escritório do gerente e do qual poderão roubar-se maços de bilhetes bancários. Será criminoso no momento em que justificar os seus impulsos com o pretexto de que esse dinheiro é propriedade de homens fora-de-lei...

Suponhamos que um indivíduo caminha pela rua e vê, no chão, uma moeda de prata. Com que sensação ou sentimento a levantaria? Talvez haja excepções, mas a primeira emoção de 99% dos homens era de prazer. Diante da moeda, pesperteram os instintos criminosos...

Os aspectos mais importantes da delinquência **em potencial** podem enumerar-se e sintetizar-se assim:

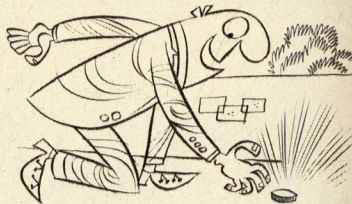
Roubo — Requer um bom estado físico e conhecimentos de luta. É particularmente perigoso porque é a forma de delito contra a qual se adoptam mais precauções.

Regra geral, os ladrões inveterados são de mentalidade inferior e carecem completamente de visão.

Falsificação — Reservada a gravadores de profissão com conhecimentos de tipografia e fotografia. É simples tratando-se de assinaturas; mais complicado quando se falsaiam cheques ou notas de banco. Só pode obter êxito uma mentalidade elevada com sentido de organização.

Roubo com violência — O mais perigoso e arriscado aspecto da ilegalidade, de que está praticamente isento o homem comum.

Fraudes e desfalques — A tentação das pessoas com uma conduta irrepreensível.



Actividades perigosas — Variadíssimas e susceptíveis de apreciação individual. Só uma pessoa que tenha pouco interesse pela vida e nenhum prestígio a perder, se arrisca neste género. Quase todos os trabalhos que podem caber nesta classificação se agrupam no fim da escala do crime. Portanto, reservados a quem possua vasta experiência e pouco vulgares como fenómenos de iniciados.

*

Há instintos criminosos na consciência de todos os homens... Instintos que já um grande Santo lapidou em frases imortais. Porque há, precisamente, uma consciência a controlar esses instintos... Se assim não fosse, quem conseguiria dormir descansado?!

As mil e uma perguntas das crianças

QUANTAS vezes, nós, pessoas crescidas, espíritos evoluídos com experiência da vida e da psicologia dos nossos filhos, nos aborrecemos com as suas perguntas as quais classificamos de tolas. Devemos reconhecer que somos ingratos, que pecamos por pensamentos e palavras, quando assim reagimos.

Cada criança procura conquistar para si própria o mundo dos adultos, e mediante cadeias intermináveis de perguntas averiguar o sentido e as reacções do seu ambiente.

Tudo o ser em formação cuida de encontrar o porquê das coisas e não raro, vemos, com assombro, que a sua sede de saber infantil vai mais longe do que a nossa e se aproxima do âmbito de questões, às quais nós dedicamos minguado interesse.

Como exemplo da busca de relações que a criança efectua, quando frequentemente nos apresenta problemas difíceis, podemos citar a seguinte pergunta: «Mamã, porque é que o camelo tem uma resposta tão comprido?». Ora damos uma resposta evasiva, ora indicamos que os camelos têm de procurar os alimentos em arbustos muito altos. A criança fica tão pouco satisfeita com a explicação como nós próprios e não tardará a dirigir-nos outra pergunta para aprofundar mais o que lhe dissermos.

As perguntas de uma criança podem provocar situações delicadas. Suponhamos que um pimpolho dos muito ladinos e tagarelas, que nós conhecemos ao ver no «eléctrico», literalmente cheio, uma hindu vestida à oriental, nos atira com esta: «Por que é que essa pobre mulher anda vestida de trapos?», o que, decerto não se torna agradável para a pessoa aludida nem para a interrogada.

No entanto, o nosso pequeno inquiridor



demonstra excelente observação; na sua limitada zona de experiências e sensações registou um elemento estranho e deseja a explicação do mesmo.

Como exemplo de quanto nos pode inspirar a observação infantil, recordemos a anedota que se conta do estadista norte-americano Benjamin Franklin. Durante uma violenta tempestade, Franklin e o filho contemplavam o espectáculo da janela. De súbito, um raio caiu, com estrépito, sobre um âlamo, e o rapaziño interrogou o pai: «Por que caiu sobre o âlamo e não sobre a casa ao lado?». Ignoramos a réplica imediata de Franklin, mas a sua resposta foi o para-raios.

Não pode ser mais ingénua a pergunta daquele menino que desejava saber por qual motivo os homens não fazem a paz antes da guerra em vez de a fazer depois. Ante esta pergunta infantil sentimos-nos tão confundidos que procuramos desculpar o nosso embaraço com a falta de experiência e de lógica na criança. Sómente depois de reflectirmos, nos apercebemos da verdade que encerra a inocente censura infantil.

PASSAR FOME JÁ NÃO É PROBLEMA!

Ai por volta de 1825, um padre filósofo britânico lançava sobre o Mundo um vaticínio que fez tremer os seus

800 milhões de habitantes. Baseando-se no facto de a população mundial aumentar numa **progressão geométrica**: 1, 2, 4, 16, 256..., enquanto o progresso da ciência podia, quando muito, fazer aumentar os alimentos numa **progressão aritmética**: 1, 2, 4, 8, 16, 32... Malthus anunciou: — **dia virá em que, para o último chegado, não haverá mais lugar no banquete da vida...**

Depois de tremer, o Mundo riu. Malthus foi ridicularizado. Entretanto, um século mais tarde, em 1925, o **Bureau de Hygiene** da Liga das Nações verificava que:

«A população actual do globo terrestre é o dobro da de 1800 ...Se tal aumento se mantiver, daqui a cem anos o nosso planeta não poderá mais alimentar todos os seus filhos!».

Rigoramente, faltariam 68 anos para se cumprirem tão triste previsão. E que elas têm certo fundamento, prova-o a azáfama de cientistas e políticos da nossa época, em busca de novas soluções para o magno problema do **pão nosso de cada dia...**

*

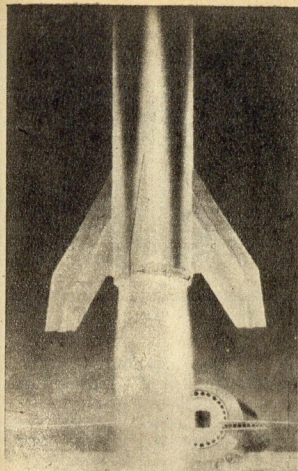
Em todos os tempos surgem, com facilidade, os criadores de «teorias» — de to-

da a espécie de teorias. Agora, chegou a vez dos **raios nutritivos**. E veio na altura, visto que esta coisa de comer pastilhas não chegou bem a **pegar...**

Demos a palavra ao muito reverendo Israel Noé, decano da catedral episcopal de Memphis (Estados Unidos): — «Os alimentos são inúteis. A energia dos raios cósmicos deve bastar para o sustento de um homem normal». Os princípios deste ilustre prelado, a concretizarem-se, viriam revolucionar a Economia Política...

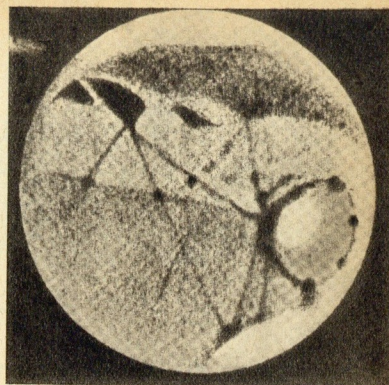
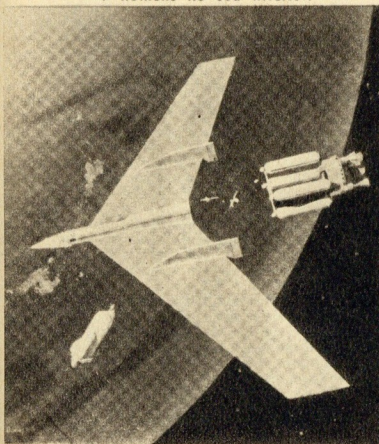
Padre Israel Noé ensina que, estando já os homens habituados a comer, não podem passar bruscamente do regime alimentar comum para o «radial». Terão de se ir acostumando aos poucos. Ele, por exemplo, já começou a reduzir as suas **rações** diárias e está a tomar, apenas, o sumo de uma laranja por dia. Reduzido, embora, ao estado esquelético que a nossa gravura mostra, isso não quer dizer, forçosamente, que tenha menos saúde.

Conhecemos variadíssimos sistemas alimentares — o dos judeus, com as suas regras especiais; o dos vegetarianos, com o seu horror a **cadáveres**, etc., etc.. Mas, isto, já não é um **sistema alimentar** e, pela nossa parte, forcemos o nariz. Substituir o «fiel amigo» por raios cósmicos parece-nos... um bocadinho forçado, mesmo nesta época de frequentes experiências do género em que a produção deve satisfazer os paladares mais exigentes — em quantidade e qualidade... De qualquer forma, ninguém sabe o dia de amanhã. Além de que ficam de parabens os vagabundos... Ou será que o Padre Noé não descobriu novidade nenhuma?!



O foguetão idealizado para a viagem a Marte.

Eis o momento em que a secção de aterragem se separa do resto do aparelho com 9 homens no seu interior.



Os «canais» de Marte intrigaram sempre os homens. Trata-se, porém, de uma ilusão de óptica, devida ao fraco poder separador das objectivas empregadas.

À CONQUISTA DE MARTE

Chegadas a Marte, as asas, inúteis, serão desmontadas e abandonadas sobre o planeta.





RITOS PROIBIDOS

Era apenas espuma de sabão!...

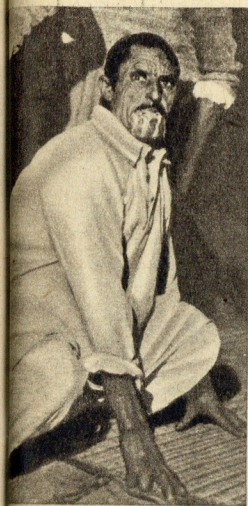
A «magia» torna-se em muitas religiões necessidade interior dos fanáticos. Para muitos crentes representa uma excitação nervosa. Também o credo Maometano não ficou isento desta degeneração. Na própria Líbia, onde pontifica a rigorosa ordem de Senussi, existem seitas que chafurdam em aparatosas órgias. «Místicos» que levam uma vida ascética, denominados Marabuts, reúnem durante a noite os seus adeptos e, por meio de vapores de incenso, tambores e prolongadas agitações de cabeça, reduzem-nos a um estado de transe ou êxtase. No êxtase sucedem coisas, que também se podem observar entre faquires indianos mediocres. Os homens «transformam-se» em animais e como tal se comportam sob o domínio do «mestre». Os «burros» comem cardos, e os camelos ervas do deserto afiadas como facas; ninguém repara nas feridas nos lábios e na boca. A insensibilidade às dores desempenha nestas «cerimónias» papel importante, e o estado cataléptico, o real e o fingido, tornam-se com o tempo o estado normal do «paciente». Para os não iniciados, é difícil verificar o que aí existe de sugestão, hipnose ou burla. De qualquer forma nada tem com os autênticos «acontecimentos ocultos», se é que estes existem. As autoridades de Senussi censuram a «Hadra» — assim se chama a este rito — mas permitem-na, pois os Marabuts são tidos em grande conceito pelo povo. Se, no entanto um «enfitecido» ficar «tolhido» o Marabut que executou o «feitiço» é chamado à responsabilidade.

O homem tornado insensível pelo Marabut parece entrar a uma faca no estômago. Este truque — pois doutra coisa não se trata — é muito primitivo! A ponta da arma penetra, quando muito 1,5 cm. E se o «mártir» premir um botão, a lâmina recolhe-se no cabo da faca. Quando o paciente a retira, a ferida sangra um pouco fechando-se por si própria dentro de pouco tempo.

marabut é evidentemente um acto perfunctório sem qualquer efeito.

O marabut «transformou» um homem em gato e colocou outro em estado de rigidez, afirmando que ele esava morto. O «gato» curva-se sobre o «cadáver» e fareja-o à maneira dos felinos. Ai do «morto», se porventura cheira a vinho ou a cão! O «gato» arranhar-lhe-á as partes do corpo não vestidas e o marabut terá de suspender o estado de rigidez, pois os tribunais não são benevolentes em relação a casos de ferimentos graves ou com desfiguração das feições. Ambos, o «morto» e o «gato», asseguram, depois de despertar, que não se recordam do sucedido. Será verdade?

O fotógrafo encontrou-se em perigo alguns segundos depois de disparar o «flash»; o semi-hipnotizado preparava-se para lhe saltar à garganta. Impôs-se rapidamente um auxiliar do marabut. É baba o humor que escorre da boca do fanático? — Se é, por que será que o espectador céptico não pode tirar uma amostra, para a fazer examinar ao microscópio? — Tendo caído uma partícula de espuma na esteira houve possibilidade de recolhê-la e pô-la a seguro; o microscópio desmascarou o embuste grosseiro: não era saliva, mas sim espuma de sabão.



A NOSSA CAPA

A imagem que ilustra a nossa capa ilustra também a tese velha e velha de que as mulheres são crianças grandinhas. Se, mal deixam de gatinhar, uma boneca as entretém o crescimento em idade e em tamanho não lhes desvanece o espírito pueril de meninas.

F reduzido a trapos, pelo uso e pelo gasto, o seu brinquedo primeiro, vida fora, encontram sempre algo que fale e alicie o instinto infantil que nasce com elas, e só se dilui quando as suas fibras se diluem. Uma vez o fitero é o marido; outras são as amigas e não raro, à falta de melho alheio, elas se tornam objecto das suas próprias diversões, embora em tal conjuntura o palco se reduza às quatro paredes de uma alcova e o espelho seja seu único comparsa.

Do mal o menos: a jovem que empresta garridice à nossa capa, escolheu um ursino de pasta e lâ cardada para calar os instintos de criança que persistem no seu plasma.



Comédias da História e da vida

GRETRY não escondia o seu desagrado pelo facto de Napoleão se haver tornado Imperador. E dizia abertamente que acreditava na monarquia mas na legítima, não podendo dar o seu apoio às dinastias improvisadas.

Napoleão sabia disso e, certo dia, encontrando-o numa festa, perguntou-lhe despreocupadamente:

— Como se chama?

— Gretry — respondeu este, com simplicidade.

Depois de dar umas voltas pela sala, Napoleão, querendo demonstrar que não lhe ligava nenhuma importância, tornou a perguntar:

— Como se chama?

— Continuo a chamar-me Gretry... — foi a resposta.

* * *

EM começos do século, no Brasil, era comum a policia prevenir o público contra os ladrões mais perigosos expondo os respectivos retratos na estação Central e noutros lugares. Uma criança habituada a contemplar a galeria dos meliantes, fez uma visita à sede da Academia e, a certa altura, viu rou-se ingenuamente para a mamã:

— Mamã, quem são aqueles gatinos?

Na parede, estavam modestamente pendurados os retratos de Machado de Assis, Joaquim Nabuco e outros...

Um grande brinquedo

... Apesar disso, esta pequena inglesa bem o aprecia. Este coelho é a figura central na feira das indústrias britânicas de brinquedos em Brighton. Naturalmente, com este tamanho é apenas uma peça para exposição. Para o «uso corrente» será apresentado em menores dimensões, com o que certamente ganhará em beleza.

D. João VI gostava muito de festas, mas o teatro aborrecia-o infinitamente. Obrigado a ir a espectáculos de gala para dar uma satisfação ao corpo diplomático, costumava ressonar tranquilamente enquanto se desenrolava o drama. Acontecia, às vezes, que o barulho dos aplausos o acordava. Então, estremunhado, fazia uma pergunta infalível:

— Já se casaram, esse pãndegos?

* * *

MOLIERE conversava com uma menina bonita, habilidosa e inteligente. Notando a sua cultura e a sua beleza, não resistiu:

— Que idade tem?

— Quinze anos e meio — respondeu a jovem. — Mas não diga nada à mamã, senão ela fica furiosa...

O eterno feminino!



FIQUE-SE COM ESTA!



Montevideo. As cinco mais populas do mundo são: Nova Iorque, Londres, Tóquio, Moscovo e Paris.



O poder de sugestão foi demonstrado há pouco por um neurologista francês. Disse a um homem consciente e normal que lhe havia queimado um braço, e o paciente absolutamente ileso proferiu gritos de dor como se na realidade houvesse sofrido intensa queimadura.



Experiências realizadas com animais demonstram que nos descendentes da ctual geração de japoneses, contaminados por radioactivamente pelas bombas atómicas, poderão aparecer deformidades hereditárias monstruosas.

A vida conjugal é fonte inesgotável de descobrimetos.



As doze cidades mais populosas da América são: Nova Iorque, Chicago, Buenos Aires, Los Angeles, México, Filadélfia, Detroit, Rio de Janeiro, São Paulo, Santiago do Chile, Montereal e



A cascata mais elevada do mundo é a queda de Angel, na Venezuela. As águas despenham-se de uma altura de 979 metros. A altura das cataratas do Niágara é de 30 metros.



As coisas, os fatos e as mulheres mudam com o tempo. Só os vícios e as virtudes são os mesmos de ontem.

O pinguim imperador, macho e fêmea revezam-se na tarefa de suster o ovo em cima dos pés para que ele não toque no gelo.

A desordem mental característica dos génios chama-se eclotimia e manifesta-se como estado depressivo e maniaco. No entanto, tal anomalia não prejudica as obras geniais; pelo contrário: aviva e estimula o pensamento.



Discutir com uma mulher é tão absurdo como envogar uma impremeável para tomar uma ducha—Heming Way.



Pode saber-se exactamente o peso de uma vaca, medindo-a com uma fita que marca os quilos em vez de centímetros. A referida fita é colocada em torno do corpo do animal, cinco centímetros atrás das patas dianteiras, ou seja sobre o coração.

Que julgue o leitor...

FATOS DE BANHO

ANDRÉ Ledoux, o costureiro francês especializado em modelos para desporto e praia, acaba de apresentar em Paris as suas últimas criações. Parece que todos os figurinistas de fatos de banho lançaram este ano o mesmo brado: «Mais tecido!» E inclusive alguns perfilharam a velha moda dos calções pelo joelho e dos decotes quadrados. Ledoux, no modelo da direita não cobre as pernas, mas sim os braços; mas já no da esquerda deixa o sinal da evolução. Para desfazer dúvidas que este último modelo poderia suscitar entre os leitores, informamos que se trata, igualmente de um fato de banho para senhora embora pareça uma destas peças interiores usadas pelos homens de há cem anos.

O vestuário, essa criação post-Paraiso, que os homens (ou as mulheres) inventaram para se proteger dos rigores climatéricos, se aliandarem ou preservarem o pudor e a moral, adquire nas imagens que damos à estampa, duas expressões bem diversas, quicá quase antagónicas: de um lado o mundanismo na juventude grácil, mas ousada; no outro a renúncia secular consumada num hábito monástico que faz da vida uma sarça ardente.

Agora, julgue o leitor, medite a leitora.



DESFILE DE HÁBITOS

Ao olho do fotógrafo, que assestava a objectiva para um vestido de «cocktail» deparou-se, de súbito a estameinha de um hábito, como se

Que medite a leitora...



FUTEBOLISTAS DE SAIAS (QUE JOGAM DE CALÇÕES)

Perante catorze mil espectadores, alemãs e holandesas disputaram recentemente, uma partida de futebol em Munique. Como se vê, o futebol também apaixonava quando praticado por mulheres, e estas já não se contentam com o papel de simples assistentes.

a câmara tivesse encantamento. E atrás de um hábito, outro e outro ainda... enquanto os manequins de uma casa de modas italiana, que posavam em atitudes estudadas exibindo as novas criações junto do templo de Augusto e Faustina, em Roma, ficavam à margem pois o desfile mundano transformou-se num desfile de monjas de rosários nas mãos. Assim a colecção de modelos para a primavera de 1957 deu lugar a uma colecção de hábitos desenhados há séculos pelos fundadores de cada ordem religiosa. E conservam ainda a sua concepção visto que se afastam da órbita da moda.

Se não tomam parte activa em pugnas vibrantes e renhidas, discutem as peripécias dos jogos, as evoluções tácticas e a marcha dos campeonatos, senão desportiva, pelo menos futebolística. E ainda bem: uma ocasião, ouvimos uma tripeira garrida a incitar o Barrigana quando os avançados do Porto assediavam as balizas da Académica e, noutra vez, uma jovem galante com ar de estrela do «ecran», no decurso de um desafio internacional perguntava a uma amiguinha que punha «banton» nos lábios: ouve lá, Evangelina, quem é que está a ganharr?

Hoje, as mulheres sabem de bola.

A CATEDRAL DA MONTANHA

SERÁ O MAIS BELO MONUMENTO À GLÓRIA DE CRISTO

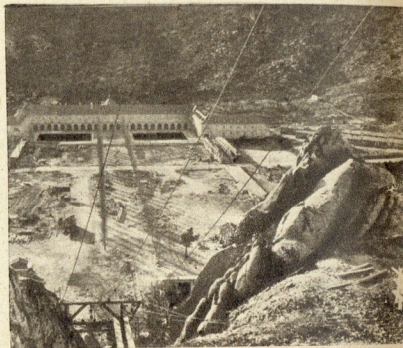


Esta estátua de Cristo, será colocada sobre o túmulo de Franco no centro do mausoleu. Está colocada presentemente no começo da nave, cujo comprimento é de 267 metros. A abóbada tem 50 metros de altura. Tapeçarias e relevos, com os quais estão ornamentadas as paredes, tratam o tema «Mãe e Filho».

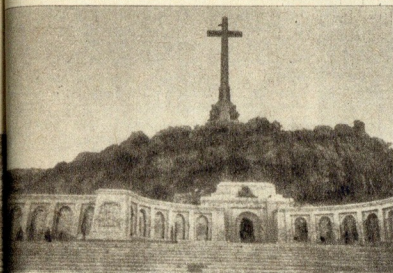
A cinquenta quilómetros da capital de Espanha, nos montes do Guadarrama, onde há vinte anos, as tropas do Caudilho iniciaram a sua vitoriosa arrancada para Madrid, está a ser construído um monumento que prenderá a admiração da Cristandade e de todos os homens.

A sua grandiosidade a sua magnificência são tais que permitem considerá-lo a maior e mais bela jóia da terra facetada em pedra.

Destina-se a perpetuar a memória de Franco e dos falangistas caídos na guerra civil espanhola.



Na vertical do túmulo de Franco, foi erigida esta cruz com 150 m. de altura. Cada braço tem 25 de comprimento, e cada uma das estátuas gigantescas aos pés da cruz, mede 50 metros de altura.

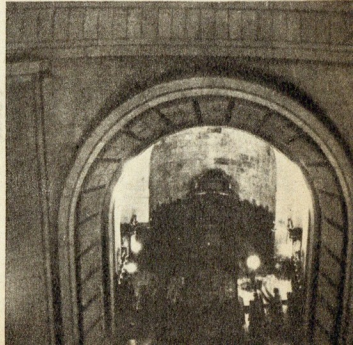


O conjunto do mausoleu não é abrangido, mesmo de longa distância, pela câmara fotográfica. Vinte nichos com relevos rodeiam a entrada, que através da extensa nave conduz à cúpula.

*

Da base da cruz, o olhar dirige-se para um vale cercado de montes, no qual Franco mandou construir um grande mosteiro. Aos monges ficará confiada a catedral no interior da montanha.

A igreja subterrânea, por baixo da cruz exterior, fica numa penumbra solene, apesar dos pesados candelabros. A esta igreja, resplendente de ouro e mármore, não chega o mais ligeiro ruído do exterior.



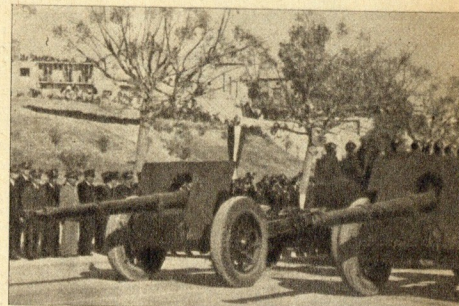
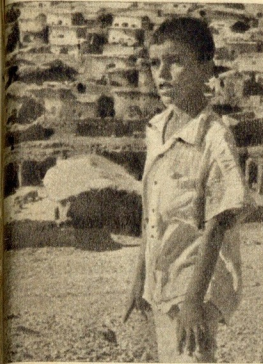
SE CRISTO VOLTASSE AO MUNDO...



PASCOA! — Festa da Ressurreição, anos veio ao mundo para redimir dos males da alma. O filho de Deus ou chefe de exércitos: Renunciou ao próximo. Se Cristo hoje voltasse a um solitário, que reconheceria ele? Apesar de todas as perturbações notaria que a chama da Fé não se apagou, que a Sua vida e a Sua obra não foram em vão; pois os seus mandamentos sobreviveram aos séculos. Mais do que nunca talvez é necessária na nossa época a mensagem que, de Belém, se espalhou pelo Mundo: «Paz na terra e no coração dos homens». Paz — não há desejo mais intenso que este nas orações de milhões de crentes, pedido também dirigido aos responsáveis na Terra. Possam também os chefes de Estado seguir o heróico exemplo que Cristo deu, quando indicou aos homens a fé, a pureza dos costumes e a verdade. Não falava de «fraqueza», nem oferecia banquetes; fundamentava-se numa ordem divina. O Seu reino é indestrutível, pois não se apoiava na lei humana de «olho por olho, dente por dente», mas na penitência. Se Cristo hoje voltasse... — os vestígios divinos do seu altruísmo permanecem inalteráveis, mas os vestígios terrenos, as terras por onde peregrinou tomaram novos aspectos.

Todas as maravilhas do mundo. «O demônio conduziu-o a um monte muito alto, mostrou-lhe todas as riquezas do mundo e as suas maravilhas e disse-lhe: «Darte-ei tudo isto, se ajoelhares e me adorares». Jesus respondeu-lhe: «Afasta-te de mim, Satanás! Pois está escrito: Orará a Deus, teu senhor, e só a ele servirás». Então o demônio deixou-o, e os anjos vieram e serviram-no (Matt. 4, 8-11).

Cristo, que há perto de 2.000 anos apareceu como general a toda o brilho exterior, pois todas as virtudes: o amor ao mundo que procura paz e con-



Os canhões do Kremlin—Material de guerra de origem russa e checoslovaca deslizam sobre uma avenida de Damasco, numa imponente parada militar. Há anos que a Imprensa e a Rádio sírias vêm incitando o seu povo com este «slogan»: «Atirai os israelitas ao mar! Preparai-vos para a Guerra Santa!» O exército sírio de 45.000 homens, impõe a orientação política a um povo de 3,5 milhões. Com o fornecimento de armas a influência comunista torna-se uma ameaça. Os estados vizinhos preocupam-se com a evolução dos acontecimentos.

A esquerda, foto de cima: A pobreza de hoje—Hoje encontra-se na base do monte da tentação um grande acampamento de refugiados. 80.000 árabes vegetam miseravelmente em cabanas de barro. Das «maravilhas do mundo» que o tentador mostrava ao filho de Deus, já não há mais vestígios. A pobreza é imensa entre os refugiados. No último inverno foram-lhes distribuídos cobertores. O local de distribuição foi o «Campo dos Pastores». Na Noite Santa os pastores ouviram a nova «Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens de boa vontade». — Foto de baixo: A voz do Senhor—E quando ele estava a caminho e já próximo de Damasco envolveu-o de repente uma luz do céu; ele, caiu no chão e ouviu uma voz, que lhe dizia: «Saul, Saul, por que me persegues?» Ele respondeu: Senhor, quem és? O senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Ser-te-á difícil. Ele tremendo perguntou: Senhor, que queres que eu faça? — Levanta-te, vai para a cidade! Lá te dirão o que deves fazer. — Os homens que tinham vindo com ele ficaram calados; pois, embora ouvissem a voz, não viam ninguém. Saul esteve três dias sem ver. Então o Senhor disse: Quero-lhe mostrar quanto ele terá de sofrer pelo meu nome.



1 — De novo não há espaço nas edificações — Também hoje não há espaço para um milhão de árabes fugidos da Terra Santa. Desde que foi fundado há oito anos o estado la-raelita, intensificou-se o ódio entre os povos árabes e os israelitas. Desde há oito anos, esta família, composta de dez membros, vive nesta caverna junto da estrada de Belém. A filha mais velha teve aqui o primeiro filho, pois todos os hospitais estavam superlotados. Uma velha arca, três colchões e alguns potes, é tudo o que possui.

2 — Os peritos procuram petróleo — o sangue da civilização — Onde outrora os três magos vieram do outrora os três magos vieram do petróleo. Os tesouros do Próximo Oriente já não são ouro, incenso e mirra, mas o petróleo, ouro líquido da Terra. 60 % das reservas mundiais conhecidas situam-se nos países árabes. A Europa Ocidental obteve até agora 85 % das suas necessidades em petróleo desta região.

3 — Os cedros do Líbano — Onde outrora existiam as florestas das montanhas do Líbano, sopra hoje o vento do mar sobre montes escalvados. Das grandes florestas de cedros, restam 60 árvores cuidadosamente protegidas, cuja idade se avalia em 2.000 anos. De Beirute viaja-se três léguas numa moderna estrada para a célebre «floresta» de cedros. Restaurantes elegantes, vendedores de recordações, e parques de automóveis vigiados aguardam os turistas. Actualmente a madeira no Próximo Oriente é uma preciosidade. As casas de habitação são de pedra ou tejos.

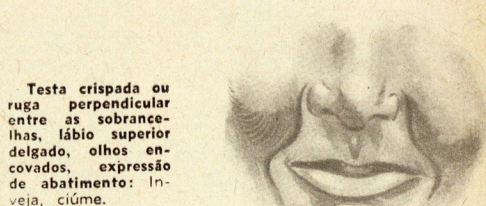


1 — Zona central do rosto (nariz e pómulos) bastante desenvolvida em largura e altura: Aptidão para negócio. 2 — Parte anterior da cabeça alta e arredondada: Benevolência.

E pronto, leitor amigo, aqui tem elementos bastantes para conhecer aqueles com quem lida. E agora só uma advertência a fechar esta «lição»: nada se torna mais perigoso na sociedade do que um homem sem carácter. 3 — Pómulos salientes e grandes, sobranceiras rectilíneas, olhos encovados, lábios contraídos, nariz adunco, mente pronunciado: Decisão, vontade firme.

As caras e os casos de cada um...

O carácter é a fisionomia moral do homem. Pois essa fisionomia moral retrata-se na fisionomia física, ou melhor na frenologia de cada indivíduo. Estudados, em pormenor, os complexos morais que o semelhante nos revela (vide n.º 17 e 18) apresentamos hoje as características gerais do rosto, ao mesmo tempo que aconselhamos uma recapitulação da matéria já exposta.



Testa crispada ou ruga perpendicular entre as sobranceiras, lábio superior delgado, olhos encovados, expressão de abatimento: Inveja, ciúme.



Testa furtiva, e abaulada, queixo saliente, lábios normais, boca rasgada, dentes grandes e certos, orelhas grandes e descidas: Longevidade.



Aconteceu-me uma vez, ter de passar duas semanas numa aldeia cossaca. Encontrava-se ali, de guarnição, um regimento de infantaria. Os oficiais reuniam-se, por turno, nas suas respectivas casas e passavam a tarde a jogar as cartas.

Um dia, juntamo-nos em casa do major C..., confráriamente ao costume. A conversação era interessante. Discutia-se o facto de a religião muçulmana, segundo a qual o destino do homem está escrito no céu, contar muitos adeptos entre nós. Cada um referia um caso a favor ou contra.

— Tudo isso nada prova, senhores — dizia o velho major — algum de vós testemunhou esses estranhos acontecimentos que confirmam tais opiniões?

— Nenhum, claro — responderam uns quantos; mas ouvimo-los contar a pessoas de confiança...

— Tolices! — aventurou uma voz.

Naquele momento um oficial que estava sentado a um canto da sala, pôs-se de pé, e aproximando-se lentamente da mesa pôs sobre todos um olhar solene. Era um sêrvio, como indicava o seu nome: Vulic. Todos se calaram.

— Senhores — declamou num tom sereno. — Para que havemos de discutir inutilmente? Querem provas? Proponho-lhes uma experiência: um homem pode dispor livremente da sua vida ou, pelo contrário, a hora fatal para ele está assinalada no céu. Quem aceita?

— Eu não, eu não! — ouviu-se de todos os lados. — você está louco!

— Façamos uma aposta! — disse com ironia.

— Que espécie de aposta?

— Eu julgo que o fatalismo não existe — declarei pondo sobre a mesa vinte ducados, tudo quanto tinha na algibeira.

— Está bem — respondeu Vulic com voz surda. — Major, você é o árbitro. Aqui tem os meus vinte ducados.

O sêrvio dirigiu-se à parede onde estavam as armas e pegou numa pistola. Não conseguimos entendê-lo, mas quando levantou o gatilho para carregar, alguns tomaram-lhe o braço.

— Que vai fazer? Enlouqueceu? — gritaram.

— Senhores — disse ele pausadamente, respondendo-se deles — quem está dispostos a apostar por mim vinte ducados?

Todos se calaram.

UM CONTO CÉLEBRE

O FATALISTA

de MICKAIL LÉRMONTOV

Olhei-lhe os olhos. As suas pupilas serenas e imóveis encontraram as minhas. Os lábios pálidos sorriram-se-lhe. Apesar do seu sangue frio, pareceu-me ler-lhe no rosto macilento um sinal de morte. Outros velhos militares confirmaram a minha observação.

— Vai morrer! — disse-lhe.

— Voltou-se de repente, mas respondeu serenamente:

— Pode ser que sim, pode ser que não...

Depois, voltando-se para o Major, perguntou se a pistola estava carregada.

— Basta, Vulic! — gritou um — Claro, está carregada, se estava ali... Vê lá se arranjas outro modo de nos distrair!...

— Aposto cinquenta rublos contra cinco! A pistola não está carregada! — bradou outro.

Fizeram outra aposta. E começavam a aborrecer-me todas aquelas cerimónias.

— Escute — disse — ou dispara ou deixe a pistola no sítio, e vamos dormir.

— Senhoras, peço-lhes que não se mexam! — advertiu Vulic encostando à fonte a cano da pistola.

Todos ficaram petrificados.

— Senhor Pesciorim — disse, a seguir — pegue numa carta e atire-a ao ar.

Lembro-me como se fosse hoje; tirei da mesa o «ás» de espadas e lancei-o no ar. Contivemos a respiração. Todos os olhos estavam cheios de terror e até de vaga curiosidade, correndo da pistola ao «ás» fatal, que, revoloteando descia lentamente. No momento em que tocou na mesa, Vulic levantou o gatilho.

— Vejamos ainda — disse ele.

Ergueu outra vez a pistola, aproximou da fonte e premiu o gatilho, mas este não obedeceu; a seguir olhou o gorro colocado no peitoril da janela; ouviu-se um tiro e a sala encheu-se de fumo. Quando o fumo se dissipou, olhamos o gorro: tinha um furo precisamente no centro. Durante alguns minutos ninguém proferira palavra.

— Você é feliz no jogo! — disse a Vulic.

— Pela primeira vez na vida — respondeu sorrindo-se.

— Mas, torna-se muito perigoso!

— Sou agora!... Pensa ainda na predeterminação?

— Sim. Mas não posso compreender...

xeados pelo frio da noite. Ao ver-me, sorriu, mas não parecia de bom humor.

— Nastra! — disse ao passar junto dela. Teria desejado contar-me qualquer coisa, mas limitou-se a suspirar. Fechei a porta, acendi a vela e dei-me na cama.

Tardava a adormecer mais que o costume. Só consegui conciliar o sono quando o céu começava a clarear. Mas, estaria escrito que naquela noite não havia de dormir. Às quatro da manhã senti bater à janela.

Saltei da cama. Que teria acontecido?

— Depressa. Veste-te! — gritaram algumas vozes.

Vesti-me rapidamente e saí.

— Não sabes? — perguntaram-me ao mesmo tempo os três oficiais que tinham vindo chamar-me. Estavam pálidos como cadáveres.

— Quê?

— Mataram o Vulic.

Vulic ia sózinho pela rua escura quando lhe surgiu ao caminho um cossaco embriagado. Talvez não tivesse sequer reparado nele, se Vulic, detendo-se, não lhe tivesse perguntado: «Quem procuras irmãozinho?» «A ti», respondeu o cossaco metendo-lhe um sabre nas costas.

Dois cossacos tentaram socorrer o ferido, mas este exalara o último suspiro. Mal pôde dizer isto: «Tinha razão».

Só eu podia compreender o obscuro significado daquelas palavras que se referiam a mim.

Quando voltei à fortaleza e contei a Maksim Maksimic o que se havia passado e os factos de que fora testemunha, exprimi-lhe o desejo de conhecer a sua opinião a propósito do fatalismo. Ao princípio o meu velho migo não compreendeu aquela palavra. Expliquei-lha o melhor que pude e, ele, então, movendo significativamente a cabeça, disse:

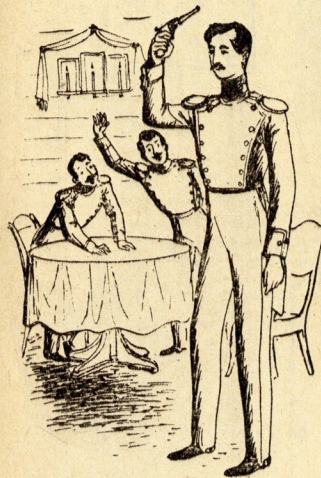
— Sim... Uma coisa muito complicada...

Além disso, os gatilhos dessas pistolas asiáticas, às vezes, não se movem se não estão bem lubrificadas ou se os não apertamos com bastante força. Em rigor, não gosto nem sequer de carabinas; estou em dizer que até são indecorosas para pessoas como nós. Têm a culatra demasiado pequena e se não nos percatamos chamuscamos-nos o nariz. Em compensação, que sabes!

E depois de reflectir um momento acrescentou:

— Tenho pena dele, pobrezinho! O diabo mandou um borracho ao seu encontro, quando passava pela ruela escura. Vê-se que o seu destino estava escrito desde a hora do seu nascimento.

Não consegui extrair-lhe mais palavras porque, em geral, não lhe agradavam conversas sobre metafísica.



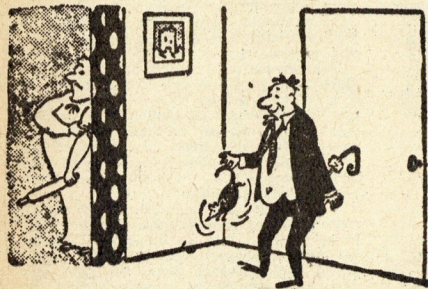
Teria jurado que você morria hoje.

— Bem, acabemos com isto — disse levantando-se —. A aposta está resolvida e os seus comentários parecem-me inoportunos.

Pegou no gorro e saiu. Também segui para o meu alojamento. A lua cheia, vermelha como incêndio, ergue-se no horizonte, e as estrelas resplandesciam no céu de um azul escuro. Estava instalado na casa de um velho sub-oficial que me agradara pelo seu bom carácter e principalmente pela sua filha Nastra, muito bonita. Como sempre, Nastra, envolta no seu casaco de pele esperava-me, em frente da pequena porta de entrada. O luar iluminava os seus lábios graciosos, arro-



Sorrisos
a
lápis



«MISS» INGLATERRA DIZ «YES»

Margarida Rowe tinha 21 primaveras quando foi considerada a maior belidade da Grã-Bretanha. Há dois anos, ganhou o título de «Miss Inglaterra» — e conheceu o agente de viagens Freddie Kuhn. Em seguida foi à América para o concurso de «Miss Universo». As suas medidas, 93-60-93, não lhe deram o primeiro lugar, mas a sua personalidade tornou-a um dos atractivos do certame. Foi apresentada a cineastas e milionários; Foi apresentada a cineastas e milionários; convidando-a para os inevitáveis «testes». Depois peregrinou pela França, Itália e Escandinávia. Um novo mundo estava ao seu dispor. Margarida sentia-se, porém, saudosos da pátria — e de Freddie Kuhn, que a esperava em Londres. Agora a rapariga que disse «Não» a milhões disse «Sim» ao homem que tinha deixado.



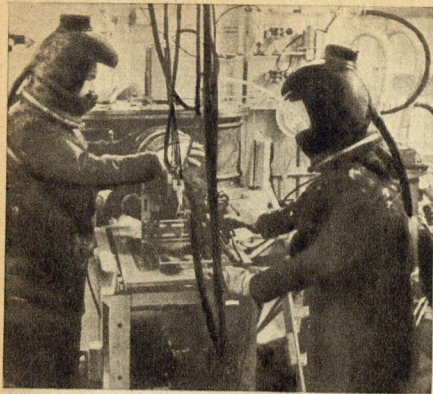
Um brinde naquela manhã maravilhosa em que combinaram casar-se. Margarida Rowe, de 21 anos e o noivo Freddie Kuhn, de trinta e seis, celebram o seu noivado num «night club» londrino.



Descanso para «Miss Inglaterra» significa um Domingo com «sweater» e calções na residência do noivo em Londres, que é a base das suas expedições para a «caça» da sua nova habitação. Margarida tenciona continuar a servir de modelo depois do matrimónio porque «Freddie desaprova os concursos de beleza». Espera também fazer viagens com Freddie, de origem suíça. «Ele era um solteirão convicto», diz ela.



Esta é a última fotografia que verão de Margarida Rowe como rainha de beleza. — O casamento não é «glamour», afirma ela. «Foi realmente engraçado ganhar concursos de beleza, mas estou satisfeita por abandoná-los».



VESTIDOS para o perigo

Estes dois homens estão a trabalhar com Hermes, a nova máquina (100.000 £) dos laboratórios de Harwell, que separa átomos — principalmente de plutónio — e os reduz a radiações gasosas. Um «écran» de televisão no exterior da câmara mostra aos cientistas se a máquina está a enviar as radiações para os compartimentos adequados.

Um encontro com o perigo — mas nada a afastará. Miss Natalia Pater, secretária de origem polaca, é sócia de um Clube Sub-Aquático de Londres. Rebentou-lhe um dos títanos (do ouvido) quando pela primeira vez mergulhou no Mediterrâneo, há onze anos, com o equipamento completo. Agora, como passatempo, continua a mergulhar durante todo o ano, nos subúrbios de Londres.



2 CAVALOS PARA CAÇAR NO OCEANO

O crescente entusiasmo pelo desporto sub-aquático faz surgir curiosas inovações. Recentemente foi apresentado em S. Francisco um novo modelo mais simples e mais cómodo. A garrafa de oxigénio do aparelho de respiração serve de corpo flutuante: a gentil mergulhadora deita-se de bruços sobre uma tábua e dirige o «veículo» com um «volante» análogo aos dos aviões. O movimento é assegurado por um motor de 2 «cavalos».



Na contracapa, Renata Tebaldi. Na foto de cima, Maria Callas.

GUERRA ENTRE CANTORAS

Renata Tebaldi e Maria Callas são dois nomes cuja sonoridade não chega aos ecos do nosso grande público: repercute-se apenas no sector particularista dos apreciadores de ópera e do belo-canto.

Mas o que entre nós passa quase despercebido, lá fora, designadamente em Itália, França, Estados Unidos e até no Brasil, alcança proporções de idolatria, com tal intensidade que gera um conflito aberto, declarado, no mundo da música. Dividida a grande massa em duas falanges rivais, tão rivais quanto o podem ser os dois «monstros sacros do Scala de Milão, a guerra entre os «Tebaldi» e os «Callas» (que dura desde 1948) assume agora insólitos aspectos.

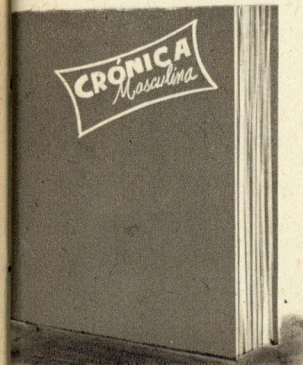
Em 1946, Arturo Toscanini abriu as portas do famoso teatro de ópera milanês a Renata Tebaldi a quem chamou a «Voz de Anjo». Nessa época ainda Maria Callas porfiava por encontrar o caminho do êxito. Mas uma série de circunstâncias felizes alcançaram-na a prima-dona.

E as duas virtuosas de bel-canto celebraram uma entente cordial que a emulação faria durar pouco.

Uma «tourné» pelo Brasil foi a espoleta da guerra aberta: a «Tosca» interpretada pela Tebaldi agradava mais aos nossos irmãos de além Atlântico. Maria Callas saiu vencida, mas não conformada — nem ela nem a legião de admiradores que proclama a sua hegemonia entre todas as divas do canto.

Desde então, a «voz de Anjo e a voz do demónio» como congominaram Maria Callas odeiam-se artisticamente embora a escalas de viagem as obriguem muitas vezes a encontrar-se e a reverenciar-se.

A guerra no mundo em que pontificam é feita apenas pelos prosélitos de uma de outra.



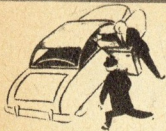
PARA COLECIONAR A NOSSA REVISTA

Com as interessantes capas, de que reproduzimos um exemplar na gravura, poderão os leitores, ainda que sem os menores conhecimentos da arte de encadernar, reunir em volume os 20 números da «Crônica Masculina» — que ora suspende, temporariamente, a sua publicação, para reaparecer em data oportuna — conservando-os, assim, isentos de poeiras e outras sujidades, e muito fáceis de manusear.

Cada capa custa, apenas, 14 escudos, e vende-se na «Agência Portuguesa de Revistas», na Rua Saraiva de Carvalho, 207.

Enviem-se pelo correio, contra a remessa da referida quantia (acrescida de 1 escudo, para porte e embalagem) em vale postal ou estampilhas.

FRESQUINHAS E BOAS...



O Sr. Costa resolve-se a comprar um automóvel. O maior agrada-lhe sobremaneira, mas, ao saber o preço, o sr. Costa empalidece e o seu interesse vai-se desvanecendo.

O vendedor não desanima:

— Faça o favor de ver as comodidades que o carro oferece: assento móvel, capota que fecha automaticamente, acendedor eléctrico de cigarros...

— «Acendedor eléctrico de cigarros?» interrompe o Sr. Costa. «Então está fora de questão. Eu não sou fumador».

O Sr. Costa vai de «Lambreta», — atravessa o mercado, comete uma série de transgressões até que a policia do trânsito o manda parar.

— «Então o senhor não vê as placas do trânsito? Esta rua é de sentido único.»

— Que é que eu tenho com isso?

— Então o senhor não sabe que nas ruas de sentido único só se pode ir numa direcção?

— Perdão, tenha paciência, mas isso é exactamente o que eu faço.

O condutor dum automóvel moderno nota que uma velha «carricana» o segue a curta distância, buzina constantemente, acelera, tentando passá-lo, mas sem êxito.

Finalmente cansa-se da «brincadeira», pára, corre para o carro que o seguia e barafusta:

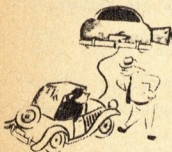
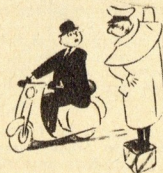
— Mas que palermice é esta? O senhor bem sabe que não é capaz de me ultrapassar!

— Também não é isso que eu pretendo; foi algum «parvalhão» que atou o meu carro ao seu.

O sr. Costa procura um quarto. Lê um anúncio no jornal, e fica interessado.

— Para que nos compreendamos, — esclarece a dona — nada de visitas, nada de rádio, nada de luz depois das nove horas. Falar alto e fumar não é permitido. As camas, o soalho, os móveis e as janelas tem de ficar sempre limpos. Não há chave da porta da rua.

— Perdão — diz o Costa. — Deve haver engano. Eu vim responder a um anúncio de aluguer de quarto, e não a um anúncio de casamento...



HÁ VINTE ANOS DEBAIXO DE ÁGUA

1 — O Dr. Hans Hass, o pluri-famoso investigador submarino que anda a realizar o périplo do mundo, escreveu um novo livro no qual revela as sensacionais experiências por ele perpetradas no maior rochedo de coral que se conhece, a grande Barreira de Coral, próxima da costa leste da Austrália.

Hass ilustrou a sua obra com imagens de um filme rodado nas ilhas de Cocos, algumas das quais se reproduzem nesta página, como testemunho palpável da singular aventura do homem que devassou o mundo do silêncio.

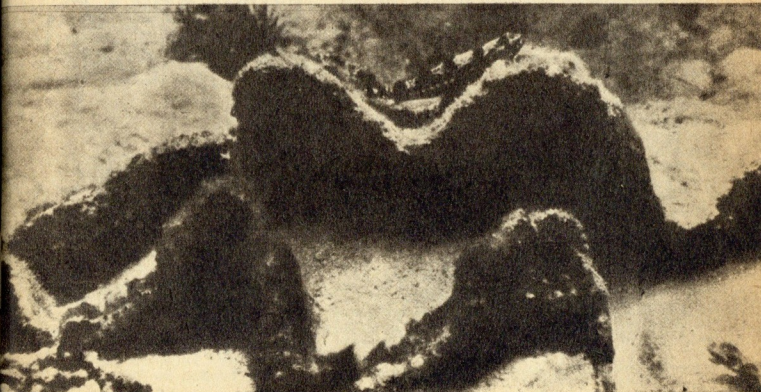
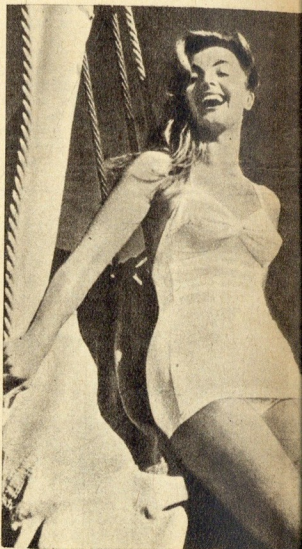


2 — «De hoje em diante você é um homem!» disse o Dr. Hass a Lotte Bayerl, quando a expedição entrou no Mar Vermelho. Lotte era sua assistente no Instituto de Viena, e tinha-se treinado, a ocultas, como mergulhadora e na fotografia, para poder tomar parte na expedição, no decurso da qual surpreendeu todos os participantes pela sua coragem e persistência. Mais tarde, Lotte desposou o Dr. Hass.

3 — O molusco assassino está aberto... — Estes moluscos são ceceados jazem no fundo do mar, e atingem 1 a 2 metros de comprimento. Se sentem alguma coisa entre as suas conchas, imediatamente as fecham. Fazem-no frequentemente quando a luz lhes incide ou um nadador se aproxima.



4 — ...mas de repente prende indissolúvelmente a perna — Felizmente é uma perna de gesso. Hans Hass levou-a para esta experiência. Introduziu esta perna entre as conchas abertas do molusco e imediatamente a puxou para trás. Tarde demais! O molusco fechou a concha, e nem com um «pé de cabra» a conseguiram abrir. Foi necessário primeiro cortar o músculo que fecha a concha e só então ela se abriu. Quantos pobres mergulhadores não terão já sido vítimas destes terríveis moluscos!



TEM SEXTO SENTIDO?

Recentemente, o jornalista Merrick Winn publicou, na *Imprensa britânica*, uma série de artigos sobre o sexto sentido. Numerosos leitores lhe conhecimento de factos pessoais mais ou menos relacionados com o estudo do articulista. Transcrevemos alguns desses depoimentos, autenticados pelos nomes e endereços dos correspondentes de Winn.

O mundo secreto das visões, comunicações telepáticas, pressentimentos e impulsos irreprimeíveis vai, enfim, desvendando o seu mistério. Relacionando-se, de maneira íntima, com os progressos da psicologia, ou melhor, da psicanálise, tais depoimentos contêm um interesse e uma curiosidade que nos dispensamos de acentuar.

Um amigo meu ia frequentes vezes de avião a Bruxelas e Paris, por causa de negócios. Antes de uma dessas viagens sentia-se possuído de uma tal impressão de desastre que lhe pedi que não fesse de avião. O meu amigo foi de barco e de combóio até Bruxelas e, dali, escreveu-me a dizer que seguia de combóio, no dia seguinte, para Paris. Nesse dia, vi a fotografia de um avião despenhado no solo, publicada por um jornal. Pela primeira vez na minha vida, desmaiei. Mais tarde, telefonei para a companhia aérea, que me confirmou ter o meu amigo morrido no desastre. Perdera o combóio e meteu-se no avião para Paris... (B. Noraman. Evelyn-Gardens Sw 7).

Estava, uma noite, deita-

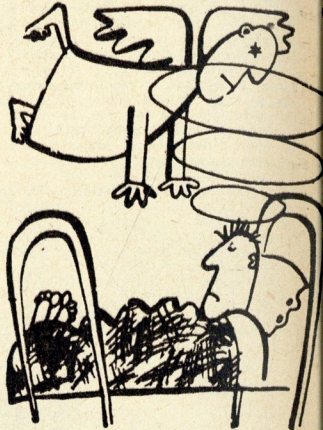
do na cama, a ler, quando ouvi alguém chamar pelo meu nome. Fui à sala onde minha mulher se encontrava, pensando que precisasse de qualquer coisa, mas ela disse-me que não me tinha chamado. Ouvi, outra vez, chamarem-me, ainda mais nitidamente, e depois tudo ficou em silêncio. No dia seguinte recebi um telegrama em que minha única irmã estava perigosamente doente. Fui, acto contínuo, ter com ela e disseram-me que, na noite anterior, estando inconsciente, chamara duas vezes pelo meu nome à hora em que eu tinha ouvido chamarem por mim. Minha irmã melhorou e a explicação de minha mãe foi que ela se encontrava às portas da morte e necessitava do auxílio de todos. Como eu era o único ausente, chamara por mim. (F. Murray. Gak Tree Dell, Nw 9).

Vivia na Austrália, em 1917, e meu marido tinha partido para o Ultramar com as tropas australianas. Uma noite, meu filho, de 8 anos, começou a dizer: «Mãezinha, estou muito assustado. Estão aqui três senhoras e uma delas está a querer dizer-me qualquer coisa». Três semanas mais tarde, vi um padre descer

a minha rua e adivinhei que vinha ter comigo. Contou-me, então, que meu marido morrera, precisamente, na hora em que meu filho tinha dito aquela frase. (Sr. B. Wilson, Wimbledon Park Road, Wandsworth Sw 18).

*

Tinha nove anos, quando pedi a meus pais que me dessem um gatinho. Uma noite, já estava deitada, ouvi uma voz dizer: «Vais



ACONTECEU

A tradição de os noivos trocarem amêndoas por folares na Quarta-feira de Trevas recordações em Quinta-feira de Endoenças proporcionou o curioso episódio que vou relatar.

Entrei numa capelista do Rossio a fim de adquirir um maço de tabaco. Solicito o empregado e atendeu-me. Dei-lhe vinte escudos para se pagar. Mas antes que me devolvesse o troco, interrogou-me circunspecto:

— V. Ex.ª não deseja nenhum objecto?

Achei a pergunta estranha e retruquei:

— Mas porque havia eu de desejar algum objecto? Não, não preciso de nada.

— Nem da prenda para a sua noiva?

Fiquei varado, mas não perdi a calma: — Que atrevimento o seu! Quem lhe disse que eu tinha noiva? Não, não tenho.

— Desculpas — interveio o dono do



NA "BAIXA"

estabelecimento, pessoa das minhas relações. — Não me diga que não encontrou ainda namorada.

— Bem. Tive uma, mas zangamo-nos há tempo.

— Pois vá reconciliar-se já com ela ou procure outra. As sete em ponto tem de estar junto do seu derrigo com uma prenda.

— Mas isso é impossível! — Qual impossível! Se é impossível tem de fazer-se. Já dizia Frederico o grande de Prússia. O que falta são noivas! Ande, vá a correr, não recieie, não seja tímido. Faça-se homem, que é para casar cedo.

— E que presente lhe hei-de dar? — perguntei, muito entusiasmado.

— Olhe, leve-lhe um par de meias «nylon» que é

para ela não andar de pernas ao léu este verão.

Comprei as meias, fui dali comprar umas amêndoas, mas não arranjei noiva!

DIZ-ME COMO AJUDAS A VESTIR DIR-TE-EI O QUE ES



ter o teu gatinho, mas ele terá seis garras em cada pata». Contei o sonho a meus pais, e eles disseram: «Não penses mais nisso. Vamos dar-te o gato». Três dias depois, ouvimos um gato miar à porta da cozinha. Deixámo-lo entrar e vimos que tinha seis garras em cada pata. Nem meus pais nem os vizinhos souberam de onde viera o gato. (M. Terri, Arlingford-road, London Sw 2).

Todos os dias

Todos os dias um jovem ingênuo exclama: «Finalmente conheci a mulher ideal!» E casa-se com a filha da sua hospedeira.

* * *

Todos os dias um iludido promete a si mesmo que deixará de fumar.

* * *

Todos os dias um rapazinho descobre que com um vidro de aumento e um raio de sol se pode acender um cigarro, e depois admira-se de que a Natureza lhe haja concedido tal engenho.

* * *

Todos os dias se inventam cinco específicos que não servem para nada.

* * *

Todos os dias uma mulher descobre que o marido é idiota.

* * *

Todos os dias o marido sente ciúmes dos homens que se declararam à esposa, quando solteira.

* * *

Todos os dias um imberbe, que recebeu uma chamada telefônica de umas desconhecidas ociosas, exclama eufórico: «Devo ser insinuante! O que se passa comigo não se passa com mais ninguém».

* * *

Todos os dias um milionário se casa com a sua secretária e tão pouco é feliz.

* * *

Todos os dias — dizia La Palisse — temos um dia mais do que na véspera.

VIVIDO

LOLLO DISPENSA



O CABELEIREIRO

O repórter foi encontrar a bela Gina muito «convencida», a cortar o seu não menos belo cabelo negro.

Assustado, pois supôs, a princípio, que ela se dispunha a imitar o seu colega Yul Brynner — e seria uma «caixa», estrondosa Lollo aparecer, de repente, desataviada do seu adorno capilar — pretendeu eyitar tão nefando atentado. Mas Gina cortou-lhe o gesto, declarando que é seu costume cortar o cabelo a si própria, e que bem melhor é fazê-lo do que «cortar» na pele das colegas...

O «CASO» JOSANE E MARLON

Foi no consultório do médico psiquiatra Schneider, que Josane e Marlon se viram, pela primeira vez.

O famoso actor, seduzido pela simplicidade da jovem francesa, disse-lhe:

— Onde mora, em França? Deixe-me a sua direcção, porque irei visitá-la junto dos seus. Amo a França, visto que tenho ascendentes franceses, e o meu apelido escreve-se Brandeau...

Seis meses mais tarde, Josane regressa ao seu país; e, um mês depois, Marlon Brando, fiel à sua promessa, faz-lhe a visita prometida.

Ambo's passeiam, muito juntos, e logo os jornalistas começam a falar num possível noivado. Por fim, separaram-se e, Josane parte para Nova Iorque, aguardando que Brando a procure e lhe faça a tão desejada proposta de casamento. Mas o tempo passa, o célebre actor aparece ao lado de várias formosas e requestadas mulheres...

E, interrogada pelos repórteres, Josane, com um triste sorriso nos lábios bem desenhados, responde:

— Continuo a considerar-me noiva de Marlon. É certo que o nosso casamento está a demorar... Mas é porque o matrimónio deve encerrar-se como um acto muito sério...

E o mundo continua a girar, indiferente a este e outros «casos»... de que não faz caso nenhum...



Em Bandol (França), Josane e Marlon despertam a curiosidade dos transeuntes.



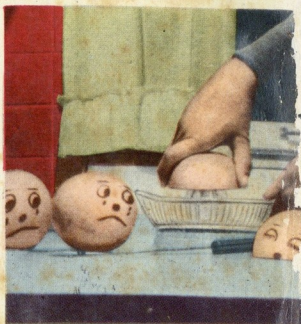
Para significarmos aos leitores, agentes e colaboradores e a todos os amigos, os nossos desejos de Páscoa feliz não encontramos melhores intérpretes que os famosos artistas Vitorio de Sica e Brigitte Bardot, os quais muito gentilmente nos enviaram de Paris a foto que reproduzimos.

Neste número

A história dos ovos da Páscoa



RENATA TEBALDI
A mulher com voz de anjo



"Miss Inglaterra" diz "YES"

N. 20

PREÇO
1\$50